



## TROCAS, MEMÓRIAS, SABERES E EXPERIÊNCIAS ENTRE POVOS

Segundo Encontro Presencial de Povos Indígenas,  
Afrodescendentes e Comunidades Locais

Relatoria II Reunião do PIACL



Cali, Colômbia, 13 a 15 de fevereiro de 2024





# ÍNDICE

<b>ACRÔNIMOS</b> .....	04
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	05
ANTECEDENTES DA II REUNIÃO DO PIACL .....	06
<b>UM ENCONTRO DE DIVERSIDADE</b> .....	07
<b>UM ENCONTRO DE RESISTÊNCIAS</b> .....	08
RESISTÊNCIA HISTÓRICA .....	08
LUTA PELOS E A PARTIR DOS TERRITÓRIOS .....	10
A UBIQUIDADE DA DOR .....	11
A FORÇA DO TRABALHO COMUNITÁRIO E ORGANIZADOO .....	12
<b>NOTAS SOBRE METODOLOGIA: O QUE FAZEMOS</b>	
<b>PARTICIPANTES ENSINADOS</b> .....	13
“VOU RESPONDER À PERGUNTA, MAS...” .....	13
O USO DE TECNOLOGIAS .....	14
CURAR E CUIDAR .....	14
A CULTURA COMO ARMA DE DINAMIZAÇÃO DE MASSAS .....	15
<b>FORTELECIMENTO ORGANIZACIONAL E INSTITUCIONAL</b>	
<b>DAS ORGANIZAÇÕES TERRITORIAIS</b> .....	16
¿QUE TIPO DE ORGANIZAÇÕES E INSTITUIÇÕES QUEREMOS FORTALECER? .....	16
“FORTELECIMENTO INSTITUCIONAL” CONVENCIONAL .....	17
RECONHEÇA AS FORÇAS EXISTENTES ANTES DE QUERER FORTALECER .....	18
<b>¿QUEREMOS MAIS TROCAS!</b> .....	19
LINTERCÂMBIOS COMO FERRAMENTAS NÃO CONVENCIONAIS DE EMPODERAMENTO ..	19
CRIANDO UM ECOSISTEMA PARA O INTERCÂMBIO .....	21
<b>“HOJE FORJAMOS UM PRESENTE QUE AMANHÃ SERÁ HISTÓRIA.”</b>	
<b>ANOTAÇÕES DA INTERVENÇÃO DE CARLOS ROSERO SOBRE O</b>	
<b>COMUNIDADES NEGRAS-PCN</b> .....	22
ANEXO 1:	
RESULTADOS DE PESQUISAS ON-LINE, PISTAS A SEGUIR .....	24
ANEXO 2:	
PARTICIPANTES DO II ENCONTRO PRESENCIAL DOS POVOS INDÍGENAS,	
AFRODESCENDENTES E COMUNIDADES LOCAIS .....	26



## ACRÔNIMOS:

<b>ACIN</b>	Asociación de Cabildos Indígenas del Norte del Cauca
<b>ACOFOP</b>	Asociación de Comunidades Forestales de Petén
<b>AMAN</b>	Alliance of Indigenous Peoples of the Archipelago
<b>AMPB</b>	Coordinadora de Mujeres Líderes Territoriales
<b>ARMAAD</b>	Asociación Red de Mujeres Afrolatinoamericanas, Afrocaribeñas y de la Diaspora
<b>ASOM</b>	Asociación de Mujeres Afrodescendientes del Norte del Cauca
<b>CCARC</b>	Caribbean and Central America Research Council
<b>CEAF-ICESI</b>	Centro de Estudios Afrodiaspóricos- Universidad ICESI
<b>CEERT</b>	Centro para el Estudio de las Relaciones y Desigualdades Laborales
<b>CHIRAPAQ</b>	Centro de Culturas Indígenas del Perú
<b>CIR</b>	Consejo Indígena de Roraima
<b>COMUNDICH</b>	Asociaciones y Comunidades para el Desarrollo Integral del Pueblo Ch'orti'
<b>COPAE</b>	Asociación Comisión Paz y Ecología
<b>CRIC</b>	Consejo Regional Indígena del Cauca
<b>ECMIA</b>	Enlace Continental de Mujeres Indígena
<b>FIMI</b>	Foro Internacional de Mujeres Indígenas
<b>ILEX</b>	Ilex Acción Jurídica
<b>MIQCB</b>	Movimiento Interestatal de Quebradoras de Coco Babaçu
<b>MTC</b>	Movimiento de Tierras Comunales
<b>MUTESA</b>	Corporación cultural Ecológica Mujer, Tejer y Saberes
<b>OFRANEH</b>	Organización Fraternal Negra Hondureña
<b>ONIC</b>	Organización Nacional Indígena de Colombia
<b>PCN</b>	Proceso de Comunidades Negras en Colombia
<b>PRISMA</b>	Programa Regional de Investigación sobre desarrollo y Medio Ambiente
<b>RIBCA</b>	Red Indígena Bribri y Cabécar
<b>TOSEPAN</b>	Unión de Cooperativa Tosepan Titataniske
<b>Utz Che'</b>	Asociación de Forestería Comunitaria de Guatemala



## INTRODUÇÃO

Este relatório do II Encontro Presencial de Organizações de Povos Indígenas, Afrodescendentes e Comunidades Locais (PIACL<sup>1</sup>) apresenta os principais resultados alcançados durante os três dias de intensos intercâmbios. Os temas propostos e pactuados na agenda foram abordados a partir da diversidade de perspectivas, experiências e aprendizados do encontro coletivo PIALC com a participação de convidados de outras organizações e filantropia em Cali, Colômbia, de 13 a 15 de fevereiro de 2024.

Territórios, território, tem sido o tema central em todo o processo das partes na iniciativa: “Reconhecer as nossas práticas e saberes a partir de diferentes perspectivas, interesses e formas de aprender”. A cartografia demonstra a importância da narrativa do território. O mapa de Mercator (1569) projeta dimensões que não são reais em benefício das estruturas de poder do Norte desenvolvido e das desigualdades socioeconômicas e culturais que afetaram o PIALC. Por outro lado, a projeção de Peters<sup>2</sup> (Gall Peters) mostra com mais precisão as dimensões reais dos países, continentes e oceanos; deixa de ser a imagem eurocêntrica e a visão colonialista do mundo e corresponde à dinâmica da diversidade cultural, transformando-se em resistência e resiliência de acordo com as necessidades particulares de cada organização.

As trocas também são uma questão central. Estes são vistos como ferramentas não convencionais de fortalecimento organizacional e institucional, de processos territoriais e coletivos de luta que permitem às organizações enfrentar suas múltiplas funções. Isso se deve ao fato de que as trocas, concebidas a partir e para as organizações do PIALC, são “espaços horizontais de diálogo e escuta, sem imposição”. A diversidade de experiências reunidas no PIALC é, em si mesma, “uma arma poderosa” diante da complexidade de um sistema global homogeneizador e discriminador.

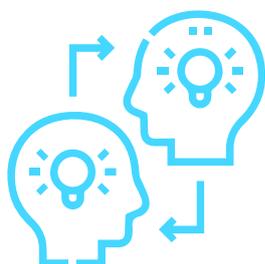
1 A sigla PIALC (“Povos Indígenas, Afrodescendentes e Comunidades Locais”) será utilizada na elaboração do texto.

2. [https://es.wikipedia.org/wiki/Proyecci%C3%B3n\\_de\\_Peters](https://es.wikipedia.org/wiki/Proyecci%C3%B3n_de_Peters)

## ANTECEDENTES DA II REUNIÃO DO PIACL

O II encontro do PIACL em Cali é resultado de um amplo processo de diálogo e intercâmbio entre diferentes organizações de povos indígenas, afrodescendentes e comunidades locais, realizado pelo EntrePovos após o primeiro encontro de representantes de organizações indígenas, afrodescendentes e comunidades tradicionais da Ásia, África e América Latina realizado na Cidade do México de 25 a 27 de novembro de 2019. O processo foi obrigado a se reinventar a partir de 2020, com a chegada da pandemia. No entanto, durante esses tempos desafiadores, várias trocas e encontros virtuais foram realizados, incluindo alguns intercâmbios presenciais que lançaram as bases para o II encontro presencial apresentado neste documento.

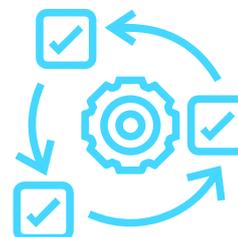
Durante as consultas prévias realizadas virtualmente com diferentes participantes do processo, foram definidos três objetivos para o encontro:



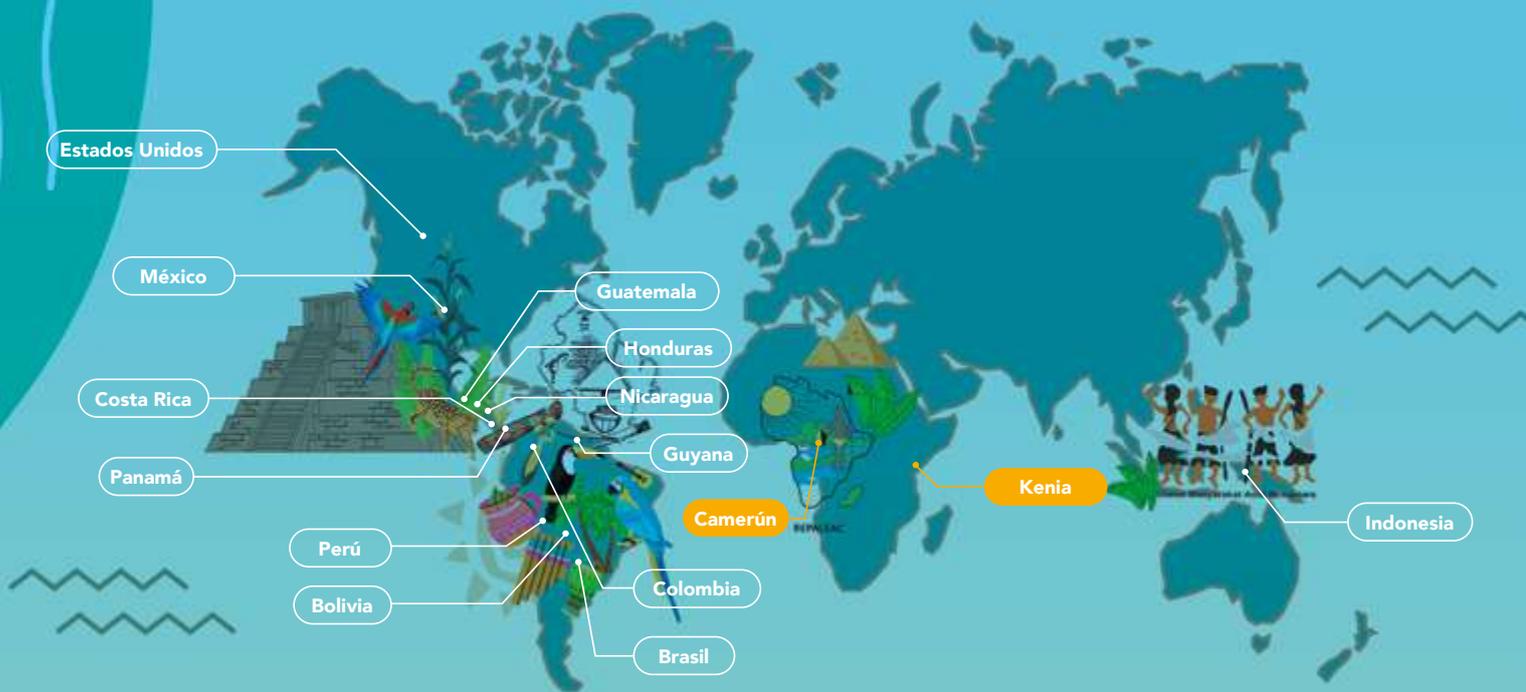
Validar e enriquecer a metodologia de troca de experiências. Essa metodologia começou a ser definida nessas trocas.



Validar e enriquecer a metodologia de troca de experiências. Essa metodologia começou a ser definida nessas trocas.



Identificar possíveis ações de acompanhamento desse processo e como fazê-lo de forma ágil e construtiva.



Projeção do mapa Mercator indicando os países de origem dos participantes. Em laranja, os países dos participantes que não puderam comparecer.

## UM ENCONTRO DE DIVERSIDADE

A II reunião do PIACL contou com a participação de 19 organizações representativas do PIACL, 3 redes de organizações que trabalham com questões de mulheres e da diáspora africana, 3 organizações ligadas ao financiamento de iniciativas, 1 organização filantrópica que juntamente com a equipe de apoio logístico e serviços.

A diversidade também foi geográfica: participaram representantes da maioria dos países da região mesoamericana, 5 representantes da América do Sul (Colômbia, Brasil, Guiana, Peru e Bolívia), vários representantes da Indonésia e vários convidados dos Estados Unidos, um total de 13 países estava representados no total. Infelizmente, dois líderes africanos bem conhecidos, os representantes da REPALEAC<sup>3</sup> e da FOLT<sup>4</sup>, não puderam viajar, mas enviaram mensagens de vídeo mostrando seu apoio à II reunião do PIACL.

As formações dos participantes foram diversas. Era composto por representantes de povos indígenas da Mesoamérica, América do Sul e Indonésia; a presença de afrodescendentes colombianos foi especialmente sentida, uma vez que estávamos em seu território, embora também houvesse afrodescendentes de outros países (Honduras, Panamá, Bolívia e Brasil).

A tradução foi realizada em quatro idiomas (espanhol, inglês, português e indonésio), com uma equipe dedicada de intérpretes, que fizeram principalmente interpretação simultânea através de um sistema de microfones para os participantes, conectados a pequenos receptores de rádio, com um canal por idioma.

3 Red de Poblaciones Indígenas y Locales para la Gestión Sostenible de los Ecosistemas Forestales de África Central.

4 Friends of Lake Turkana, organización regional al norte de Kenia.



## UM ENCONTRO DE RESISTÊNCIAS

### RESISTÊNCIA HISTÓRICA

Uma das características que se destaca neste encontro é que todas as organizações participantes do II PIACL estão em processos de resistência, e algumas delas já estão há 40 anos. Isso mostra, em primeiro lugar, sua enorme capacidade de resiliência, mas também o fato de que essas lutas são duradouras e até ultrapassam o horizonte temporal de uma única geração.

Não é necessário consultar profundamente as fontes históricas sobre a resistência inicial dos povos indígenas aos colonizadores quando essa luta está muito presente na experiência cotidiana das organizações participantes do II PIACL, aventurando-se em territórios até então periféricos e pouco integrados ao sistema econômico mundial em processos de nova colonização e espoliação.

Embora os processos de inclusão no sistema econômico mundial sejam diferentes dependendo da história de cada território, esses territórios frequentemente abrigam populações conhecidas como "indígenas", povos originários que encontraram refúgio aqui diante do avanço da colonização. Além disso, nesses territórios, descendentes dos primeiros colonizadores, que por diferentes razões se dissociaram parcialmente do sistema dominante, bem como populações afrodescendentes que se estabeleceram em territórios distantes dos sistemas pós-escravidão que permaneceram em suas áreas de origem, geralmente, esses dois grupos adotaram modos de vida e gestão de recursos próximos aos dos povos originários com os quais se misturaram ou substituíram.

Devido às incursões geradas e impulsionadas pelos interesses econômicos mencionados anteriormente, as populações indígenas e locais enfrentam a degradação de seu meio ambiente, a perda da biodiversidade, a erosão dos recursos naturais e a violação dos direitos humanos individuais e coletivos de suas comunidades. Essas pressões têm impactos negativos em sua saúde, cultura, etnia, espiritualidade, meios e modos de vida.

Por essa razão, há pelo menos 40 anos na América Latina, como afirmado durante o II PIACL, esses povos e comunidades têm se organizado em diferentes níveis. Eles resistem aos ataques de empresas petrolíferas, mineradoras, madeireiros ilegais e outros projetos prejudiciais à sua subsistência, como estradas e barragens. Além disso, buscam negociar com os diferentes níveis do Estado como responsabilizá-los por sua situação, incluindo o acesso à saúde, à cultura, à economia, à identidade e à qualidade de vida em geral.

O II encontro do PIACL foi, então, uma reunião de diferentes lutas em diferentes territórios.



## LUTA PELOS E A PARTIR DOS TERRITÓRIOS

Em diferentes momentos do II PIACL foi mencionado que os territórios são espaços polivalentes e multidimensionais que transcendem o meramente físico: são espaços espirituais, ecológicos, econômicos, políticos e culturais/linguísticos, onde reside a memória coletiva e a afiliação étnica. É nesses territórios que os povos e as comunidades enfrentaram:

- Ameaças e violências com efeitos concretos nos territórios: invasões de territórios, exploração madeireira indiscriminada, garimpo e poluição da água por ela causada, vazamentos de petróleo, sem falar na violência exercida contra todos aqueles que protegem seus territórios e comunidades e/ou protestam contra tais violações de direitos humanos e ambientais. **Norma don Juan lembrou que estamos falando de sequestros, prisões e assassinatos, onde as vítimas não são simples números, mas sim companheiros ou companheiras com quem compartilharam momentos muito fortes de luta.**
- A falta de regulamentação legal eficaz: a ausência de propostas legislativas realistas que possam ser aplicadas em nível nacional, até ao nível local, incentiva o desenvolvimento de atividades que degradam o ambiente e a sua biodiversidade, bem como violam os direitos humanos fundamentais dessas comunidades e da humanidade. **Na Indonésia, por exemplo, atualmente não há lei que reconheça os povos indígenas como sujeitos de direitos.**
- Um sistema econômico que busca lucros de curto prazo, baseado em lógicas extrativistas.
- **Resistência institucional** às mudanças no modelo extrativista: a fidelidade ao modelo extrativista por parte de governos, instituições e empresas deve-se à **dependência econômica** desse modelo.
- Desigualdade na distribuição de recursos econômicos e técnicos: a escassez de recursos financeiros e técnicos dificulta o desenvolvimento de ações efetivas e sustentáveis nos territórios.

- Uma prática de **manipulação e colonialidade** até mesmo por parte das organizações que supostamente desejam apoiá-las; assim, as organizações territoriais têm um histórico de desconfiança em relação a qualquer organização que não seja familiar, especialmente se for de fora de seu território. As organizações de cooperação, muitas vezes sem perceber, reforçam essa dinâmica colonialista de poder desigual e assimétrico em relação a essas organizações territoriais.



Eustobeus Rero Renggi - AMAN

- **Inferioridade numérica:** as comunidades localizadas nas zonas rurais não representam um número significativo de eleitores em nível nacional, embora localmente possam ser a maioria. Eustobeus Rero Renggi comentou que, diante dessa situação, na Indonésia, a AMAN decidiu, em sua criação, **“não reconhecer o Estado se ele não nos reconhecer”**.



Udiel Miranda - COPAE

- Uma relação colonialista histórica, marcada por abuso e espoliação, por parte de entidades estatais e privadas, é complementada por um longo processo de negação das culturas indígenas, camponesas e afrodescendentes, assim como pela construção de sistemas sociais discriminatórios e racistas. Isso é agravado pelos baixos níveis de escolaridade, combinados com uma educação que só é possível dentro dos parâmetros estabelecidos pela cultura dominante. **Como mencionou Udiel Miranda, também é uma questão de “colonização epistemológica”**.

- Todas as intervenções deixaram claro que suas lutas ocorrem pelos territórios e a partir deles.



## A UBIQUIDADE DA DOR

Vários participantes durante a II reunião do PIACL compartilharam relatos sobre o luto experimentado durante a epidemia de COVID, assim como sobre os níveis de violência que afetam as organizações comunitárias:

- A Conaq lembrou a perda da matriarca Bernadete, do povo quilombola do Brasil, que faleceu em 2023 enquanto defendia o território
- As notícias preocupantes recebidas de OFRANEH nos fizeram sentir o peso e a presença da violência, vivemos um momento de desesperança e nos unimos em um “abraço” coletivo.
- As mulheres da ASOM, ao cantar, nos deram um testemunho particularmente comovente, relatando histórias de estupro de mulheres, assassinatos de líderes devido à violência política e ao conflito armado que ainda assola a Colômbia, além de outras formas mais sutis de violência, como a apropriação de terras por agentes ligados a grupos paramilitares e narcotraficantes.

A dor nunca está longe nas conversas, assim como a determinação de continuar na luta pela sobrevivência e pela construção de sociedades mais inclusivas e justas.



## A FORÇA DO TRABALHO COMUNITÁRIO E ORGANIZADO

Vários testemunhos enfatizaram que o trabalho organizado e comunitário é a única coisa que nos permite resistir diante de pressões como a descrita anteriormente, com ameaças permanentes e perdas humanas muito dolorosas.



Kathia Penha - CONAQ

A força que as organizações e seus líderes têm para continuar na luta, apesar dos momentos de desespero, desânimo ou tristeza, reside no trabalho organizado e coletivo. Eles sabem que não estão sozinhos, e que a luta é travada, como nos disse Kathia Penha da CONAQ, **“pelo futuro dessas crianças que ainda vão nascer. para que o presente deles seja melhor que o nosso”**.

Esse testemunho também foi compartilhado por Nahum Lalín, líder garífuna da OFRANEH, que descreveu como conseguiram recuperar 1.200 hectares de terra dos narcotraficantes em Vallecito (Honduras).

**“... Eles com suas armas, nós, todos juntos, em massa, com nossos tambores, nosso incenso, nossa cultura”,** demonstrando que as comunidades garífunas organizadas são única resposta à violência do narcotráfico e suas armas de guerra.



Nahum Lalín - OFRANEH



## NOTAS SOBRE METODOLOGIA: O QUE OS PARTICIPANTES NOS ENSINAR

### “VOU RESPONDER À PERGUNTA, MAS...”

Apesar de haver uma metodologia mais orientada para alcançar os objetivos da II reunião do PIACL e proporcionar fluidez na troca de informações, muitos dos representantes, mesmo estando em painéis com questões norteadoras muito precisas, dedicaram tempo para explicar suas origens e antecedentes.

Ou seja, as organizações participantes sentiram a necessidade, em um contexto em que havia pessoas ou organizações que não puderam participar do processo de trocas, discussões e aproximação desde 2019, de se apresentar e mostrar sua trajetória como organização para, finalmente, solicitar o reconhecimento do que representavam e de sua jornada. Provavelmente também porque se sentiram em um ambiente acolhedor e solidário, a ponto de poderem compartilhar suas histórias e experiências para além do necessário. Em um encontro de lutas compartilhadas, provavelmente também era importante para cada causa garantir o reconhecimento perante seus pares.

Os camaradas de OFRANEH e RIBCA sentiram-se como se estivessem chegando a outra cidade ou vila do seu próprio território e se sentiam “em casa”.

Igualmente importante foi poder testemunhar o nível de mobilização por trás das lideranças que se movimentam pelo território, descobrindo que havia todo um grupo de jovens da Guarda Quilombola, responsáveis pela segurança, em Santander de Quilichao.

No entanto, além dessa experiência, os companheiros centro-americanos nos lembraram que o território está intrinsecamente ligado à identidade, espiritualidade, visão de mundo e autonomia.

O encontro foi simplesmente diferente do momento em que visitamos o território.



## O USO DE TECNOLOGIAS

Embora muitas das organizações provenham de territórios rurais com pouca conectividade, elas trouxeram suas apresentações em Powerpoint, com slides coloridos. Até mesmo Cledeneza Bizerra, uma das coordenadoras do evento, trouxe sua apresentação em PowerPoint MIQCB em um pendrive. Muitas das organizações têm páginas no Facebook e websites, e compreendem a necessidade do uso de tecnologias de comunicação, utilizando-as no dia a dia.

## CURAR E CUIDAR



Norma Don Juan - ECMIA

Como disse Norma Don Juan, da ECMIA, **“não queremos mártires, mas precisamos continuar trabalhando”**. Várias intervenções mencionaram a importância do cuidado e das atividades curativas, incluindo o cuidado coletivo.



Teresa Zapeta - FIMI

Teresa Zapeta, da FIMI, destacou a importância de **“orçamentar, em tempo e recursos, o autocuidado”** e tê-lo em mente na luta diária.

## CULTURA COMO ARMA DE REVITALIZAÇÃO DE MASSAS

As organizações afrodescendentes colombianas nos mostraram que a cultura, especialmente a música e o canto, podem ser poderosos fatores de dinamismo e revitalização. Seus tambores, muito africanos e ao mesmo tempo tão colombianos, permitem-lhes compartilhar histórias de resiliência, dor e celebração por meio da música e das canções.

Em um encontro de seres humanos, com suas diferentes identidades, a cultura é um vetor chave para transmitir experiências e compartilhar emoções.





## FORTALECIMENTO ORGANIZACIONAL E INSTITUCIONAL DAS ORGANIZAÇÕES TERRITORIAIS

### QUE TIPO DE ORGANIZAÇÕES E INSTITUIÇÕES QUEREMOS FORTALECER?

Este gráfico resume as propostas das organizações PIALC nos diferentes níveis e elementos que interagem no conceito de fortalecimento organizacional e institucional, bem como o papel central do patrimônio territorial e cultural nesse fortalecimento. As intervenções durante o II PIALC mostraram que as organizações, embora sejam todas diferentes, têm os mesmos elementos interligados. Todas elas possuem um forte núcleo de reflexão política e filosófica, que está em diálogo permanente com suas próprias regras de governança e inclusão, especialmente em relação à inclusão de mulheres e jovens.

No entanto, dependendo de cada organização, esses componentes podem ser mais ou menos robustos. Por exemplo, nas intervenções ouvidas, ficou claro que a experiência e a reflexão política e filosófica do PCN o colocou em uma posição de maior força em relação a outras organizações similares..



Paul Graham - APA.

A partir desse núcleo, desenvolvem-se uma série de atividades específicas de cada organização, como a **luta e/ou incidência política, que podem incluir espaços de negociação e ponte com governos ou doadores, como lembrou Paul Graham, da APA.**

Há também projetos para melhorar os meios de subsistência das populações locais.

**Exemplos disso são as empresas hidrelétricas comunitárias ou a iniciativa de turismo comunitário dos membros da Utz-Ché. Trata-se de estabelecer as bases para alcançar a autonomia econômica do território**

À questão econômica, acrescentou-se um componente de cuidado e segurança, talvez o menos desenvolvido em geral, além de um componente de treinamento com diferentes níveis de progresso. **O CRIC, por exemplo, na Colômbia, levou este último componente ao ponto de desenvolver uma universidade que concede certificados e diplomas reconhecidos pelo Estado, enquanto algumas outras organizações só conseguem implementar alguns cursos para seus jovens.**

Por fim, essa estrutura organizacional pode ser mantida por possuir uma estrutura básica de gestão administrativa e financeira capaz de lidar com a gestão regular e cotidiana dos ativos e recursos financeiros que a organização eventualmente administra, seja a partir de recursos próprios ou do apoio de instituições de cooperação.

A este design já complicado, onde todos os componentes interagem de uma forma ou de outra entre si, devemos acrescentar a comunicação interna e externa. Embora nem todas as organizações tenham uma equipe de comunicação dedicada, várias mencionaram a necessidade de suas próprias capacidades de comunicação, particularmente para amplificar as vozes de comunidades que poderiam não ser conhecidas de outra forma. Nesse sentido, conhecem e exploram o potencial das modernas ferramentas tecnológicas de comunicação (redes sociais) e, em geral, do uso das tecnologias de informação e comunicação (TICs).

Todos esses elementos estão em contínua interação entre si e operam, naturalmente, no âmbito de um determinado território, o qual, que por sua vez, está relacionado a uma cultura específica.

## **“FORTALECIMENTO INSTITUCIONAL” CONVENCIONAL**

Muitas vezes, o fortalecimento proposto a esse tipo de organização por entidades de cooperação ou pela comunidade filantrópica consiste, sobretudo, na aquisição de habilidades meramente técnicas e administrativas nas áreas de contabilidade, gestão ou comunicação que garantam a cooperação, transparência na gestão dos recursos e a devida prestação de contas. É aqui, em particular, que ocorre o risco de profissionalização já mencionado por algumas organizações.

No entanto, estas são apenas três de todas as funções, que sabemos que estão todas relacionadas entre si. De qualquer forma, um dos grupos de trabalho, no terceiro dia da II reunião do PIACL, lembrou que é importante que o fortalecimento não seja exclusivamente por meio de projetos, mas, como Silvel Elías mencionou:



Silvel Elías - MTC

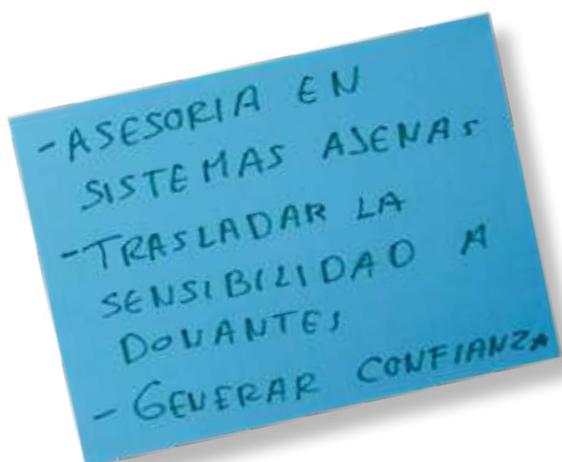
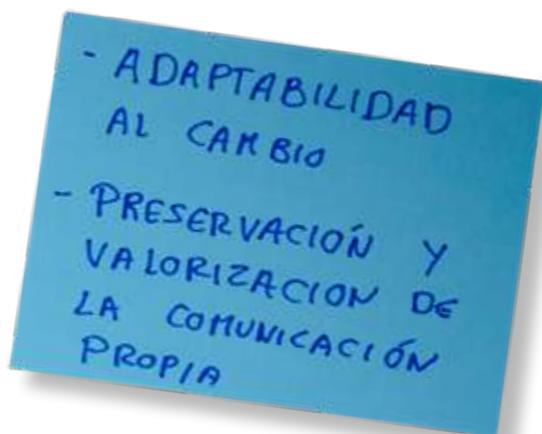
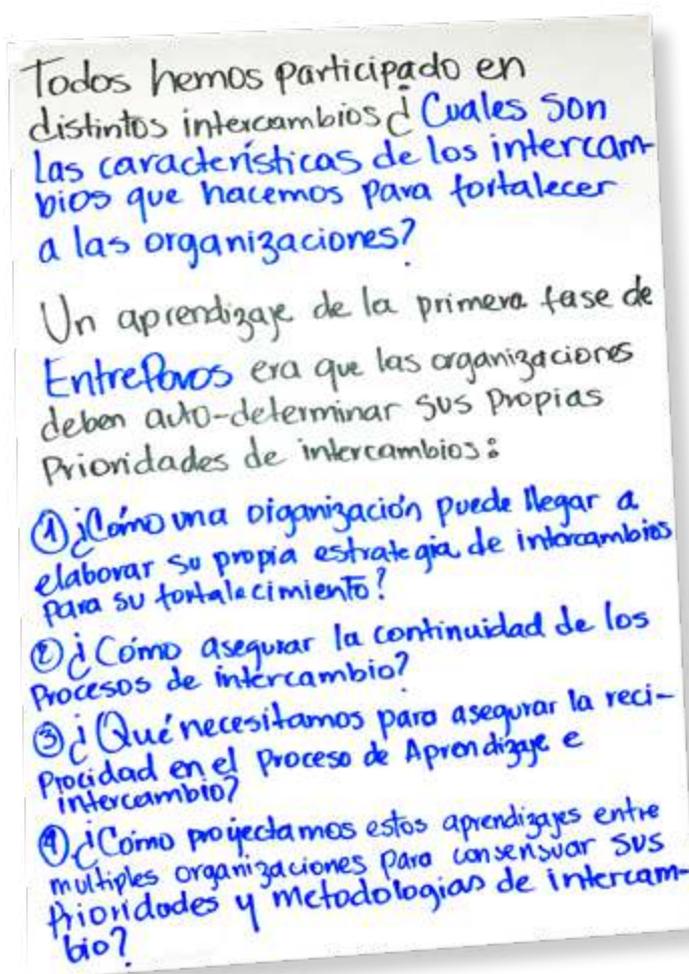
**“Os processos de fortalecimento institucional devem ir além dos projetos e transcender os esforços de longo prazo.”**

## RECONHEÇA AS FORÇAS EXISTENTES ANTES DE QUERER FORTALECER

Um elemento importante que foi apontado por várias intervenções é que as organizações não devem se ver como entidades sem qualquer capacidade, pois isso é antes “obra do colonialismo, que nos faz parecer empobrecidos. Não somos pessoas desamparadas, temos muita capacidade” (Norma don Juan).

Para tanto, também foi apontada a necessidade de sistematizar as diferentes experiências de cada organização, a fim de tomar consciência dos avanços, embora também tenha sido dito que era importante aprender com as experiências não tão bem-sucedidas.

Por isso, é importante partir das capacidades que já existem, para ver como elas podem ser fortalecidas, de acordo com as necessidades particulares de cada organização. Mas também é importante entender que “nossas culturas são dinâmicas, estão vivas e estão se transformando” (Norma don Juan).



Como resposta às iniciativas monotemáticas de fortalecimento institucional implementadas pela cooperação convencional, as trocas aparecem como ferramentas de fortalecimento de processos de luta territorial e coletiva que permitem às organizações enfrentar simultaneamente suas múltiplas funções. **Isso se deve ao fato de que as trocas concebidas a partir e para as organizações PIALC são “espaços horizontais de diálogo e escuta, sem imposição”.**

De qualquer forma, como apontou o grupo representativo da América do Sul no primeiro dia da II reunião do PIALC: a diversidade de experiências é, em si mesma, “uma arma poderosa” contra um sistema que tenta homogeneizar e dividir para controlar.

# ¡QUEREMOS MAIS TROCAS!

AS TROCAS COMO FERRAMENTAS NÃO CONVENCIONAIS DE FORTALECIMENTO



Múltiplas intervenções durante o encontro insistiram na necessidade de continuar e fortalecer um fluxo de trocas de forma sustentada. No entanto, ficou claramente estabelecido nos diálogos que existem diferentes tipos de trocas, a saber:

- Motivacional
- revitalizadores,
- fortalecedores da solidariedade,
- geradores de apoio de emergência,
- Capacitação e aprendizagem através da complementaridades de experiências e temas específicos. Por exemplo, é necessário considerar uma rede de fundos territoriais e compartilhar as lições aprendidas com actividades ou abordagens a serem evitadas.



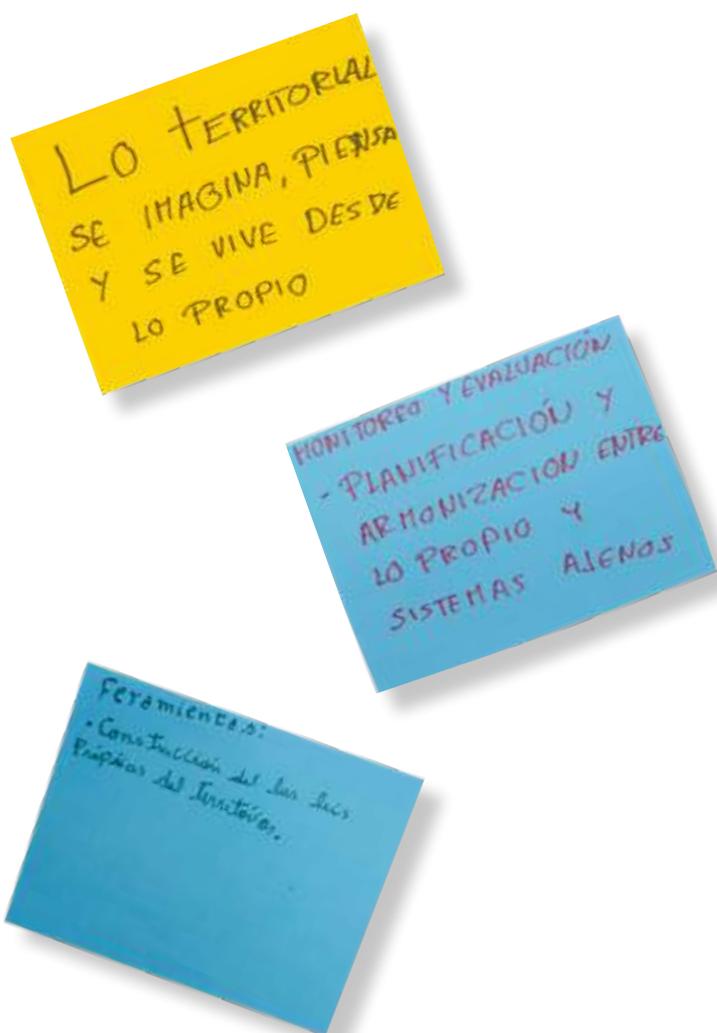
Em geral, as intervenções destacaram os benefícios das trocas, os quais são apresentados a seguir.

- O fortalecimento das solidariedades internacionais e os efeitos no fortalecimento das respectivas lutas das organizações, seus povos e comunidades.
- Segundo os companheiros da OFRANEH, "as trocas são muito importantes porque percebemos que não estamos sozinhos. Essa troca nos convida a continuar lutando; Quando você está sozinho, você está entediado ou está com medo. Encontrarmo-nos renova as nossas forças. Também funciona porque quando nos sentimos acuados dentro do nosso território, a solidariedade internacional chega (por meio de reuniões)." "As trocas nos fazem renovar as baterias, é como quando o celular está descarregado, saímos da troca com uma bateria recarregada e bateria extra."
- Os intercâmbios desempenham um papel central em superar a invisibilidade dos processos organizacionais
- Na mesma linha, a CONAQ (Brasil) reitera com o PCN (Colômbia), a partir de suas experiências, o papel central dos intercâmbios em seus respectivos países. Para eles, as trocas desempenham um papel central na superação da invisibilidade dos processos organizacionais das comunidades afrodescendentes na Colômbia e no Brasil.
- A importância dos intercâmbios para a troca de aprendizagens e para a descoberta de lições " (das) experiências positivas que são divulgadas, (e) também (das) experiências não tão bem-sucedidas".
- Nesse sentido, a experiência da ACOFOP é particularmente ilustrativa, pois iniciou sua jornada na Guatemala visitando os ejidos florestais do México, e agora, após uma série de intercâmbios na Colômbia, compartilhou no país a experiência das concessões florestais comunitárias em El Petén, como uma ferramenta para a paz em um contexto pós-conflito, até que sejam incorporados ao atual marco regulatório colombiano.

Outro elemento importante é a construção de um projeto político coletivo que busque mudar o sistema em nível nacional, buscando articular e incorporar mais elementos de sustentabilidade, para "unificar a defesa da vida" (Kathia Penha) contra o sistema vigente, que está focado na exploração dos recursos naturais para obter retornos econômicos de curto prazo de maneira insustentável.

Como requisito para atingir esse patamar, os intercâmbios foram identificadas como um recurso fundamental para construir confiança entre líderes e suas organizações em um sistema que historicamente tenta dividir para conquistar e impor-se.

Por fim, falou-se também em estabelecer intercâmbios com a academia e com as autoridades estaduais dispostas a ouvir, pois "é aí que as agendas e as políticas públicas serão elaboradas e posicionadas".



## CRIANDO UM ECOSISTEMA PARA O INTERCÂM

Foi destacada a importância dos aliados na manutenção de um fluxo de trocas. Em particular, mencionou-se a importância de garantir a reciprocidade nos intercâmbios, para que uma organização anfitriã cuja experiência tenha sido visitada possa então visitar as organizações visitantes e, assim, estabelecer uma verdadeira relação de alianças à distância.

Não foi definido se as organizações precisam criar capacidades específicas para projetar e implementar intercâmbios, mas é possível "construir redes, aproveitando as tecnologias de informação disponíveis (videoconferências)"

De qualquer forma, ficou claro que há necessidade de atores e organizações capazes de compilar, organizar e sistematizar informações sobre o que todas as organizações fazem, realizando uma análise de oportunidades políticas e questões estratégicas, a fim de desenhar trocas oportunas, focadas e eficientes.

Também foi mencionada a necessidade de montar uma rede, sem nomear lideranças imediatas, mas com certa determinação, particularmente do grupo afrodescendente. A ASOM, por exemplo, anunciou seu interesse em visitar a experiência das cooperativas TOSEPA em Puebla, México.

Por fim, **Udiel Miranda destacou que as trocas foram "sobre como resistimos, mas não trocamos sobre as propostas políticas para nos tornarmos novos modelos e opções em nossos países".**



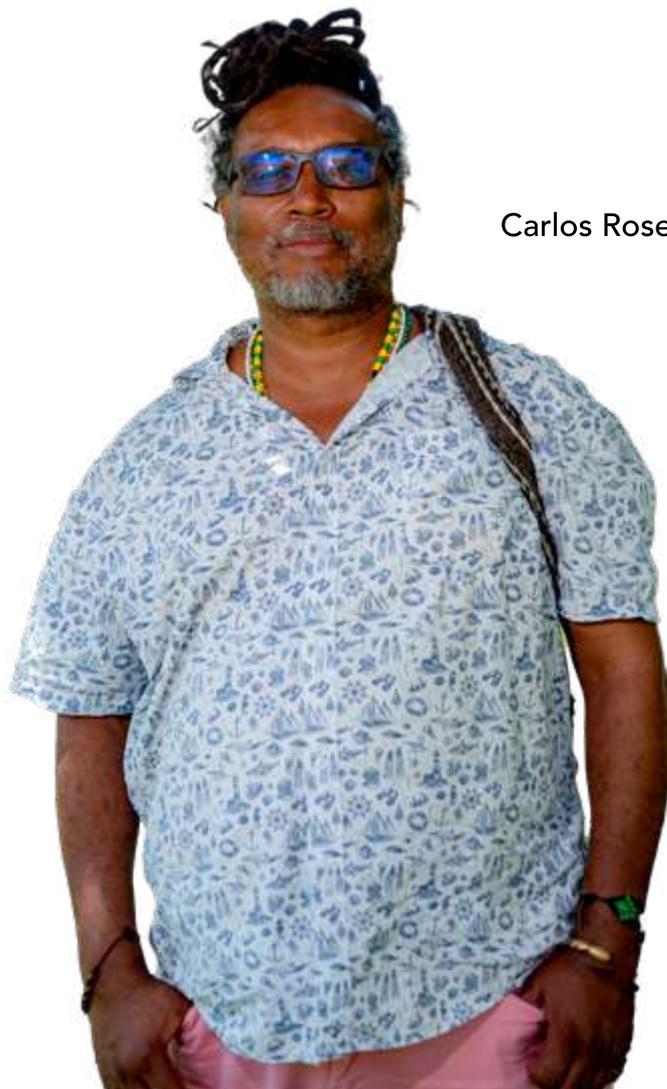
# “HOJE FORJAMOS UM PRESENTE QUE AMANHÃ SERÁ HISTÓRIA.”

NOTAS DA INTERVENÇÃO DE CARLOS ROSERO SOBRE  
O PROCESSO DAS COMUNIDADES NEGRAS-PCN

O processo PCN começou em 1988 ou 1989; é uma história longa, que reflete bem o lema. Nesse processo, tivemos duas pessoas que receberam o Prêmio Goldman, mas também enfrentamos momentos difíceis. A fórmula do nosso processo é baseada em propostas, organizações e estratégias que nos permitem avançar. Às vezes é necessário deixá para trás a organização, mas seguir andiante no caminho.

Soubemos ouvir os mais velhos, às vezes é bom prestar atenção ao vento para saber se vai chover; E é importante observar outras coisas que não estão escritas nos livros. Portanto, trata-se de construir juntos; É um grande esforço para nos ouvirmos mutuamente. Também é importante apoiar coletivamente algo que não necessariamente partiu do coletivo: o coletivo não escolheu Francia Márquez como candidata, mas considerou interessante acompanhar o processo com ela.

Não jogamos xadrez, jogamos dominó: utilizamos as peças que nos são dadas. Semeamos de várias maneiras, às vezes até com sangue. É que “quem trabalha não come joio”: quem semeia tem a possibilidade de colher. Agora, com este governo, estamos tendo uma pequena colheita. A partir da Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e a Intolerância Conexa<sup>5</sup> trouxemos à tona a questão das reparações históricas. Isso não é só para o povo afro, mas também para os povos indígenas. Na Colômbia existe hoje uma Comissão de Reparaciones Históricas; Esperamos que isso nos permita avançar a questão da reparação.



Carlos Rosero

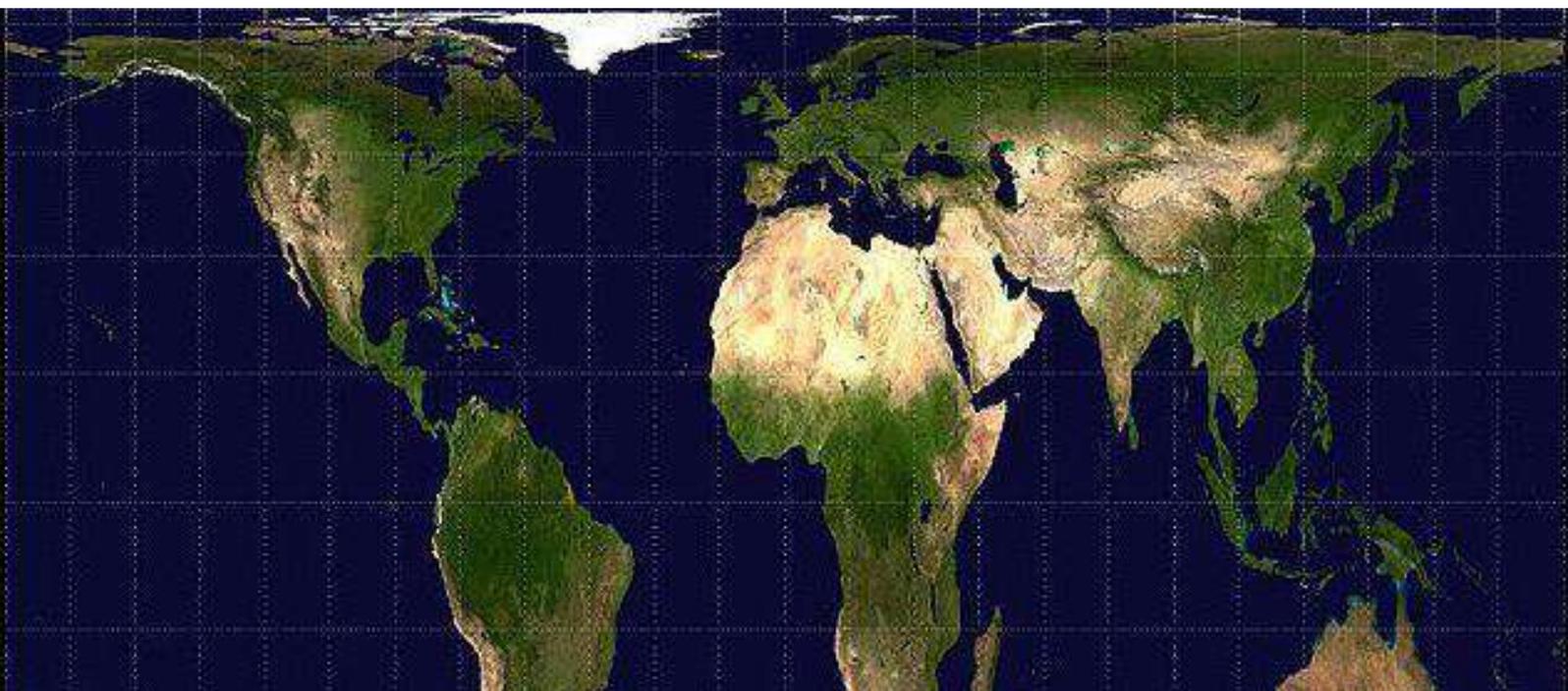
Queremos estabelecer uma conexão mais forte com a diáspora, com África. A partir daí, é onde encontramos nossa motivação. Nas Américas, existem cerca de 200 milhões de afrodescendentes, com cerca de 205 milhões de hectares de terra, e desses, apenas 5% são titulados. Porque o capitalismo não respeita a vida, é por isso que queremos que nossos direitos sejam titulados. Temos uma rede em torno da questão da titulação, com o PCN, com Honduras e com o Brasil. Estamos aproveitando a oportunidade para regulamentar coisas que nunca foram regulamentadas. Além disso, precisamos de um plano de implementação. Alguns acreditam que também deveria haver um plano de reparação.

5. Durban, África do Sul, 31 de agosto a 7 de setembro de 2001.

Após os anos gloriosos, quando ganhamos reconhecimento, vêm os anos dolorosos, que são agora; Só que neste país tivemos uma guerra de 60 anos: a única solução é conversar. Desde 2016-17, os camaradas de Chocó levantaram a questão dos acordos comunitários; no âmbito dos Acordos de Paz, há uma forma de avançar nesta questão; são o capítulo étnico dos Acordos de Paz. Esses compromissos não foram cumpridos, mas existe a possibilidade de que algo se concretize

Temos uma enorme responsabilidade no domínio económico, de definir nossas próprias economias. Fizemos 6 ou 7 planos de desenvolvimento para comunidades negras, mas nunca houve dinheiro. Dizemos: "prata na mão, bunda no chão". Há muito politicamente correto, mas quando se trata de ações concretas, nada vem disso. Daí a necessidade de fortalecer a dinâmica organizacional: organização é consciência posta em movimento. Porque, como disse Malcom X, "o poder só para no poder". Precisamos fortalecer o poder do povo.

Durante décadas falou-se da Grande Pátria, agora precisamos da Grande Pátria. Não podemos deixar isso para os governos, temos que promover isso dos povos, das comunidades. Ninguém salva ninguém, mas ninguém se salva sozinho. Já temos um protocolo de ação contra a violência de gênero. Não podemos reproduzir a opressão que denunciemos com nossos próprios companheiros.



[https://es.wikipedia.org/wiki/Proyecci%C3%B3n\\_de\\_Peters](https://es.wikipedia.org/wiki/Proyecci%C3%B3n_de_Peters)

## ANEXO 1: RESULTADOS DE PESQUISAS ON-LINE, PISTAS A SEGUIR

A pesquisa on-line enviada após a reunião oferece insights sobre as possíveis direções para o acompanhamento. Foi enviado para cerca de 20 participantes que estiveram na reunião por três dias. Recebemos 12 respostas (60%).

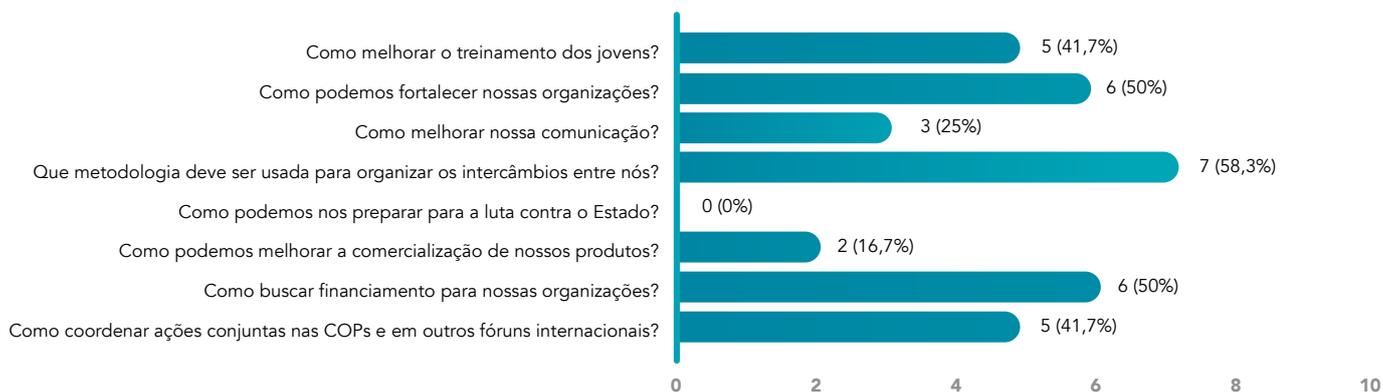
Na primeira pergunta, sobre os resultados do encontro, fica claro que o fortalecimento das organizações e a necessidade de definir como organizar os intercâmbios são temas considerados de grande importância pelos participantes.

### O que você mais aprendeu com a reunião?



No entanto, quando ao questionar quais foram os temas abordados na reunião que gostariam de ver aprofundados (Questão 2), percebe-se que a questão da metodologia de intercâmbio é um tema que poderia ter sido mais discutido (7 de 12 opiniões), seguido pelo fortalecimento das organizações (metade das opiniões), mas também pelo tema do buscando financiamento para as organizações (metade das opiniões), que não esteve muito presente durante a reunião.

### Dos tópicos discutidos na reunião, quais três você gostaria que tivessem sido discutidos com mais profundidade?

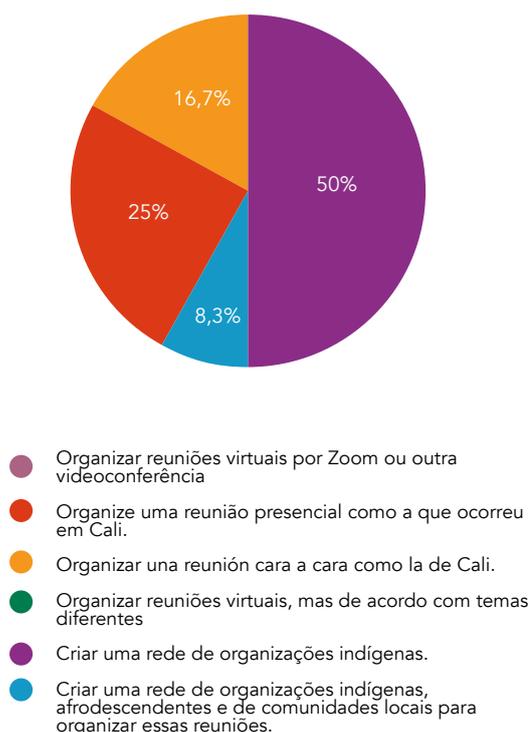


### Questão 2: Que tópicos deveríamos ter explorado?

Ou seja, o evento foi bem focado, mas poderia ter continuado a se aprofundar nos temas de metodologia de trocas e fortalecimento das organizações. Lembrando que surgiu uma nova questão, pouco abordada durante o evento, de busca de financiamento para as organizações.

Por fim, em relação ao seguimento do evento (pergunta 3), metade dos opinioes concorda que a constituição de uma rede de organizações indígenas, afrodescendentes e comunitárias locais é uma das possibilidades. A maioria das outras opiniões apoia a realização de outro evento semelhante ao II Encontro em Cali (25% das respostas), e 2 respostas em doze acreditam que seria bom organizar uma série de reuniões presenciais, mas visitando as comunidades. De qualquer forma, as duas possibilidades que sugeriam encontros virtuais foram drasticamente descartadas.

### Que acompanhamento você acha que deve ser dado a esse intercâmbio?



### Pergunta 3: Seguimento da reunião de Cali

## ANEXO 2:

### PARTICIPANTES DO SEGUNDO ENCONTRO PRESENCIAL DE POVOS INDÍGENAS, AFRODESCENDENTES E COMUNIDADES LOCAIS

Vanessa Cristina do Nascimento	Instituto de Referencia Negra Peregun	Brasil
Giselle dos Anjos Santos	CEERT	Brasil
Winnie Nascimento dos Santos	CEERT	Brasil
Cledeneuza Bizerra	MIQCB	Brasil
Kathia Penha	CONAQ	Brasil
María Betania Mota	CIR	Brasil
Milene Maia Oberlaender	Instituto Socioambiental	Brasil
Paola Yañez	RMAAD	Bolivia
María Clemencia Herrera	Corporación MUTESA	Colombia
Andri Yulieth Pacho	CRIC	Colombia
Diana Angulo	ASOM	Colombia
Lizbeth Sinisiterra	ICESI Pacifico Task Force	Colombia
Melissa Gómez	CEAF-ICESI	Colombia
Valeria Angulo	CEAF-ICESI	Colombia
Venus Pandales	CEAF-ICESI	Colombia
Sandy Arboleda	CEAF-ICESI	Colombia
Lina Marcela Tobón Yagarí	Comunidad de Juristas Akubadaura	Colombia
Dayana Blanco	ILEX Acción Jurídica	Colombia
Cecilia Silva Caraballo	Corporación Cultural Cabildo	Colombia
Darío Delgado	ONIC	Colombia
Marco Fidel Mosquera	ACIN	Colombia
José Caicedo	PCN	Colombia
Ana Joaquina Ruiz	Fundación Ford	Colombia
Sindis Meza	Fundación Ford	Colombia
Sarita Ruiz	Fundación Ford	Colombia
Paola García	Tenure Facility	Colombia
Javier Ciurlizza	Fundación Ford	Colombia
Daheren Martínez Torres	RIBCA	Costa Rica
Ileana Gómez	PRISMA	El Salvador
Joseph Berra	CCARC	EE.UU.
Kathleen Danielle Reich	Fundación Ford	EE.UU.
Denzil Wilson	Fundación Ford	EE.UU.
Gael Elizabeth Black	Fundación Ford	EE.UU.
David Kaimowitz	Tenure Facility	EE.UU.
Victor Gil	Rainforest Foundation US	EE.UU.
Paul Graham Atkinson	Amerindian Peoples Association	Guyana



Silvel Elías	MTC	Guatemala
Teresita Chinchilla	ACOFOP	Guatemala
Udiel Miranda	COPAE	Guatemala
Isabel Cipriano	FIMI	Guatemala
Teresa Zapeta	FIMI	Guatemala
Ada García	COMUNDICH	Guatemala
Marco Aurelio Chávez Coyoy	Utz Che'	Guatemala
Melissa Martínez	OFRANEH	Honduras
Nahúm Lalín	OFRANEH	Honduras
Fara Sofa (Ovi)	Fundación Ford	Indonesia
Eustobeus Rero Renggi	AMAN	Indonesia
Sophia Hernández	Fundación Ford	México
Norma Don Juan	ECMIA	México
Paulina Garrido	TOSEPAN	México
Aulina Ismare Opuá	AMPB	Panamá
Sara Omi	AMPB	Panamá
Mireya Peart	RMAAD	Panamá
José Montoya	CHIRAPAQ	Perú
Karin Ericksson	Tenure Facility	Suecia
Alexander Salazar Collazos	ASC, asesorías y mejoramiento	Colombia
Hastblade Largo	FIMI	Colombia
Emma Hurtado -	CEAF ICESI	Colombia
Liliana Caicedo Moreno -	CEAF ICESI	Colombia
Neyder Alegría-	CEAF ICESI	Colombia
Deyner Alexis Caicedo	CEAF ICESI	Colombia
Luis Eduardo Bustos	JC Holding	Colombia
Juan Carlos Castillo	JC Holding	Colombia
Ana María Morales	JC Holding	Colombia
Mario José Celis	JC Holding	Colombia
Alvaro José Lugo	IPT Traducciones	Colombia
Luluk Darojati Suhada	Independiente	Indonesia

## DOCUMENTALISTAS

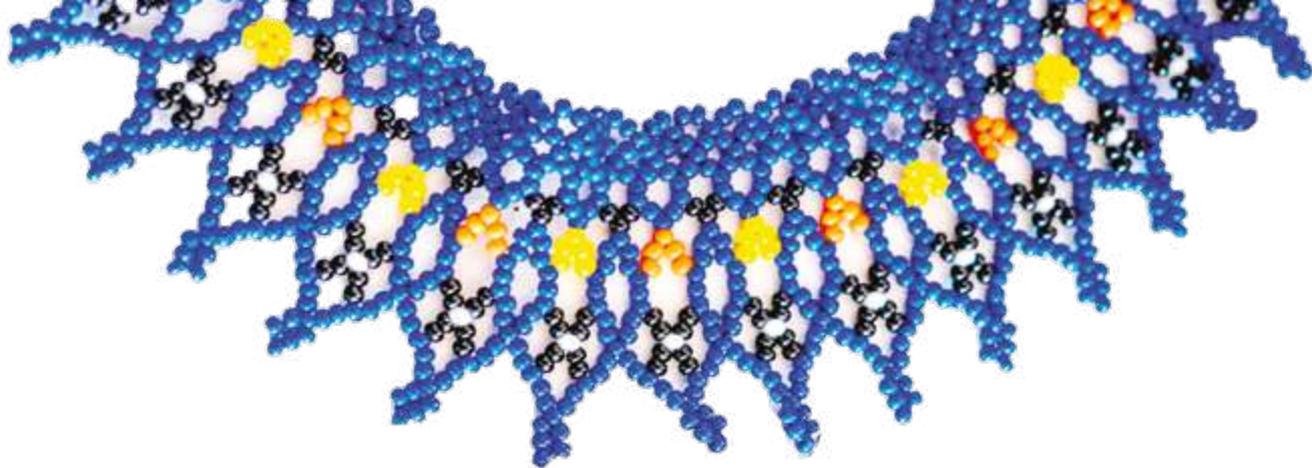
Ana Mariéluz Sandoval  
Michel Laforge  
Eli La Ban  
José Quintana  
Carlos Tomás Avellán

## ENTREPOVOS

Margarita Antonio  
Filippo Del Gatto  
Galio Gurdián  
Maricela Kauffmann  
Edwin Matamoros Chávez







[www.entrepovos.org](http://www.entrepovos.org) / [entrepovosiat@gmail.com](mailto:entrepovosiat@gmail.com)

 @EntrePovos  @EntrePovos